

A COBERTURA DOS SITES DE NOTÍCIAS NO CASO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NA EMBRAPA

*Eduardo João Moro¹
Cláudio Rocha de Miranda²*

RESUMO

O presente artigo busca analisar o processo de transição agroecológica empreendido na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) com base na cobertura da mídia – particularmente dos sites de notícias –, fazendo-se uso de pesquisa hemerográfica. Por meio da análise de mais de 300 notícias, constata-se que: 46% do total das notícias divulgam eventos, 24% tratam de projetos, e o restante divide-se entre cursos e aspectos gerenciais. Além disso, a análise demonstra que, excetuando-se um pequeno número de notícias classificadas como de “alta relevância” (2% do total), o restante sofre com a “falta de profundidade”, o que pode receber uma denominação de “cobertura inadequada”.

Termos para indexação: agroecologia, meio ambiente, mídia, sociologia ambiental.

THE COVERAGE OF NEWS SITES ON THE ISSUE OF THE AGROECOLOGICAL TRANSITION AT EMBRAPA

ABSTRACT

This article aims at analyzing how the media covers the process of agroecological transition, performed in the Brazilian Agricultural Research Corporation (Embrapa) – particularly the news sites – by using hemerographic sources. By analyzing more than 300 news, it was found that: 46% of the total announce events, 24% of the news address projects, and the rest of them address courses and management aspects. Furthermore, this analysis shows that, except for few news rated as “highly relevant” (2% of total), the rest of them “lack depth”, which may be rated as “inadequate coverage”.

Index terms: agroecology, environment, environmental sociology, media.

¹ Sociólogo, Mestre em Sociologia Política, doutorando em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), professor do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Concórdia, Rodovia SC 283, Km 08, Vila Fragosos, CEP 89700-000 Concórdia, SC. didojoa@hotmail.com

² Engenheiro-agrônomo, Doutor em Engenharia Ambiental, pesquisador da Embrapa Suínos e Aves, Caixa Postal nº 21, CEP 89700-000 Concórdia, SC. miranda@cnpa.embrapa.br

INTRODUÇÃO

John A. Hannigan é autor do livro *Sociologia Ambiental: a formação de uma perspectiva social*, publicado no Brasil em 1995, em que apresenta a teoria “construcionista” para analisar questões e problemas ambientais. O neologismo “construcionismo” se aproxima etimologicamente e conceitualmente do construtivismo, partindo da ideia de que temas ambientais “[...] não se materializam por eles próprios; em vez disso, eles devem ser construídos pelos indivíduos ou organizações que definem poluição, ou outro estado objetivo como preocupante, e que procuram fazer algo para resolver o problema” (HANNIGAN, 1995, p. 11). Como consequência, a “preocupação ambiental não é constante, mas flutua ao longo do tempo, aumentando e diminuindo em sua proeminência”.

Na obra, Hannigan (1995, p. 11) examina a “[...] ascensão e, por vezes, a queda de uma ampla gama de problemas ambientais, da dizimação da vida selvagem no século XIX, até a diminuição da camada de ozônio nos finais do século XX”, por meio da sistematização de uma série de estágios, desde a formulação de uma reivindicação ambiental, passando por sua legitimação, até a atenção política, na busca de uma ação. Parte importante desse processo concentra-se na mídia que, conforme será visto no presente artigo, desempenha um papel complexo, porém, crucial. Apesar de mostrar uma série de limitações da cobertura dos meios de comunicação nas questões ambientais, Hannigan admite que sem ela “[...] é pouco provável que problemas antigos entrem na área do discurso público ou venham a fazer parte do processo político” (HANNIGAN, 1995, p. 79). O destaque dado aos meios de comunicação sustenta-se no fato que as pessoas dependem deles para organizar o “[...] dilúvio diário completamente confuso de informações sobre riscos ambientais, tecnologias e iniciativas [...]” (HANNIGAN, 1995, p. 79).

Assim como na obra de Hannigan (1995), a ênfase do presente artigo recai na cobertura dos meios de comunicação, fundamentada pela teoria “construcionista”; entretanto, buscando um “passo seguinte” ao apresentar o caso de uma exigência ambiental já vitoriosa, num processo posterior a sua chegada na “agenda política”. Ou seja, o artigo inicia-se justamente do ponto em que Hannigan encerra sua análise. Para isso, parte-se do pressuposto que as análises empreendidas pelo autor – bem como suas ferramentas analíticas – podem ser

aplicadas no momento cuja exigência ambiental se torna ação, como no caso da “transição agroecológica” na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

A Embrapa, instituição ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), busca um importante processo de renovação. Inserida numa estratégia institucional ampla, envolvendo uma série de órgãos governamentais e não governamentais, a instituição caminha em direção a uma “transição agroecológica”, que apresenta uma série de desafios na promoção e avaliação de pesquisas; treinamento de pesquisadores; oferta de tecnologias, produtos e serviços; etc. (MARCO..., 2006). Diante disso, pretende-se aqui analisar a “construção” da cobertura da mídia – particularmente dos sites de notícias –, fazendo-se uso de pesquisa hemerográfica³. Por intermédio dela, foi possível ler e organizar mais de 300 notícias, subsidiando análises acerca dos conteúdos, das principais fontes, dos avanços e limitações na cobertura e do processo de transição de maneira geral.

A CONSTRUÇÃO DE EXIGÊNCIAS AMBIENTAIS

Apesar de se pretender com a análise avançar o limite estabelecido por Hannigan entre a criação da exigência ambiental e sua chegada à agenda política, vale apresentar esse processo justamente para, com base nele, demonstrar-se possível a proposta do artigo. Segundo o autor, o processo de criação de uma exigência ambiental exige dos formuladores⁴ o desempenho de uma série de atividades. As três tarefas básicas⁵ são apresentadas nos seguintes termos: a) reunião; b) apresentação; e c) contestação das exigências.

³ A pesquisa hemerográfica constitui-se numa fonte de estudo sobre fenômenos sociais e políticos por meio da análise da cobertura jornalística, levando-se em conta a visibilidade pública que esta confere aos fatos e fenômenos, além de ser possível captar a dimensão de interesses e conflitos presentes (SEIBEL, 2008).

⁴ Para Hannigan (1995, p. 53), “O elenco dos formuladores de exigência que se combina para promover um problema social pode, por vezes, ser muito diversificado”. Estudos apontam para a importância dos profissionais de medicina, cientistas, políticos, firmas de advocacia de interesse público e meios de comunicação, entre outros.

⁵ Com base nos três processos de Wiener (1981, citado por HANNIGAN, 1995, p. 58) – animação, legitimação e demonstração do problema – e nas três tarefas de Solesbury (1976, citado por HANNIGAN, 1995, p. 62) – liderar a atenção, exigir legitimidade e apelar para a ação.

A primeira refere-se à descoberta e à elaboração de um problema inicial. Ocorre quando se designa o problema; distingue-o em relação aos demais; determina-se a base legal, moral ou técnica da exigência; e estima-se o responsável por levar a cabo uma ação de melhoria. Ao se analisar a origem das exigências, é importante o investigador questionar, além de sua origem, a quem pertencem, que interesses econômicos e políticos os formuladores das exigências representam e que tipo de fontes eles trazem para o processo de criação das exigências (HANNIGAN, 1995, p. 61). Para o autor, atualmente os formuladores de exigências atuam como movimentos sociais profissionais, “[...] com pessoal administrativo e de investigação pago, programas de angariação de fundos fortes e sofisticados, ligações institucionalizadas em relação aos meios de comunicação social e aos legisladores” (HANNIGAN, 1995, p. 61). Mais do que isso, não é encorajada a participação das pessoas além do “papel de membro”, e uma descoberta importante pode permanecer incógnita durante muito tempo até ser transformada em exigência ambiental por alguma organização empresarial (*Greenpeace, Friends of the Earth*, etc.) ou individual (Paul Ehrlich, Jeremy Rifkin, etc.) (HANNIGAN, 1995, p. 62).

A segunda tarefa é a de “apresentação das exigências ambientais”. Nesse estágio, as exigências necessitam “liderar a atenção” – sendo vistas como novidades, importantes e compreensíveis⁶ – e ser “legitimadas” em múltiplas áreas, como meios de comunicação, ciência e público. As formas mais comuns de atingir tais objetivos são realizadas por meio da utilização das táticas e estratégias retóricas⁷ e de patrocinadores que se tornam fontes de informação legítimas e proeminentes.

Entretanto, mesmo que uma exigência ambiental consiga ser legitimada, não é assegurado que uma ação de melhoramento seja tomada. Com base em Solesbury (1976, p. 392-395, citado por HANNIGAN, 1995, p. 67), Hannigan apresenta alguns fatores que contribuem para que uma questão se perca no

⁶ A linguagem visual pode ter um importante papel (HANNIGAN, 1995, p. 63).

⁷ Hannigan detalha acerca da retórica apresentando seus componentes principais (bases, garantias e conclusões), bem como as “táticas” propostas por Best, que variam de acordo com o público-alvo (retidão retórica e retórica da racionalidade) e os “arquetipos”, que Rafter juntou posteriormente à lista de Best. Por fim, o autor apresenta um conjunto de estratégias retóricas criadas posteriormente por Ibarra e Kitsuse (1993, citados por HANNIGAN, 1995, p. 52), que inclui os “idiomas retóricos” – incluindo a retórica da perda, a retórica da insensatez, a retórica da calamidade, a retórica da titularidade e a retórica do perigo – e os “motivos retóricos”.

ponto de decisão ou ação, tais como a instalação de uma crise econômica nacional (que pode causar o adiamento e posterior abandono da questão), a utilização de táticas por parte de opositores, etc. Por isso, ao apelar para a ação numa exigência ambiental, é necessária uma “contestação” por parte dos seus formuladores, procurando efetuar uma mudança política e legal. “Enquanto o apoio científico e a atenção dos meios de comunicação continuam a construir uma parte importante do pacote de exigências, o problema é principalmente contestado no âmbito da arena política” (HANNIGAN, 1995, p. 68). Kingdon (1980, citado por HANNIGAN, 1995, p. 69) apresenta dois critérios básicos para que as propostas políticas “sobrevivam” na “selva política”: que as propostas sejam tecnicamente exequíveis – “cientificamente são e politicamente administrável” – e que sejam compatíveis com os valores dos formuladores de políticas. Além disso, contestar uma exigência ambiental com êxito na arena política “[...] requer uma mistura de conhecimento, tempo e sorte”, pois se trata de um “[...] processo altamente casual” (HANNIGAN, 1995, p. 70).

Até aqui se pôde observar que o processo de criação de exigências ambientais tem os meios de comunicação e a arena política como componentes-chave, somados à utilização da “retórica” num pano de fundo – como a utilização deliberada da linguagem a fim de persuadir (HANNIGAN, 1995, p. 51). Contudo, por intermédio de seis fatores, Hannigan (1995, p. 75) sistematiza o processo de construção das exigências ambientais de maneira completa e inclui novos componentes:

- 1) Uma autoridade científica sobre o problema ambiental para a validação das exigências.
- 2) Existência de “propagadores” que possam estabelecer a ligação entre ambientalismo e a ciência, ou seja, transformar uma investigação fascinante numa exigência ambiental proativa.
- 3) Atenção dos meios de comunicação em que o problema é “estruturado” como novidade e importante.
- 4) Dramatização do problema em termos simbólicos e visuais.
- 5) Incentivos econômicos para tornar uma ação positiva.
- 6) Emergência de um patrocinador institucional que possa assegurar legitimidade e continuidade.

Com a inserção de cientistas, patrocinadores institucionais e propagadores, o autor mapeia o processo como um todo e discute o papel dos meios de comunicação nesse contexto.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA FORMULAÇÃO DAS EXIGÊNCIAS AMBIENTAIS

A perspectiva assumida por Hannigan na análise dos meios de comunicação é possível graças a uma mudança de concepção de “notícia” ocorrida na década de 1970. Antes, as notícias eram vistas como descrições de “fatos objetivos”, como se tivessem “existência em si mesmas” (HANNIGAN, 1995, p. 80). Mais tarde, passou a se entender que os acontecimentos seriam transformados no processo de trabalho da notícia, gerando uma “realidade construída” em que os jornalistas “definem e redefinem significados” como parte de suas rotinas de trabalho (HANNIGAN, 1995, p. 81). Hannigan empreende uma detalhada análise acerca dessa “rotina”, tanto na cobertura noticiosa em geral quanto na ambiental, concluindo que, de maneira geral, a segunda é limitada e moldada pelos mesmos entraves de produção de trabalho que a primeira, ou seja, limitações nos períodos de produção, na extensão das histórias e nas fontes de informação, entre outras⁸. Os jornalistas, para Hannigan (1995, p. 99), aderem aos formatos e estruturas impostos pela prática jornalística tradicional, ao mesmo tempo que optam entre uma variedade de narrativas, linguagens e pontos de vista. São elas:

- 1) A que relata as exigências ambientais sem julgamento, dando pouca importância aos desconhecimentos e incertezas. Para Hannigan (1995, p. 97), “Os jornalistas têm pouca paciência para os ataques e as evasões do debate científico: quer exista ou não perigo”. Agem, portanto, como “juízes imparciais abertos à conversão” caso a prova científica seja vista como convincente (HANNIGAN, 1995, p. 96).
- 2) A que dramatiza a notícia, tornando-a até mesmo mitológica – incidindo “menos sobre a natureza das condições subjacentes ao problema, e mais sobre as consequências imputáveis à vida das pessoas” (HANNIGAN, 1995, p. 97).

⁸ Ver: Hannigan (1995, p. 87-93).

- 3) A que apresenta o meio ambiente como uma oportunidade econômica. “A mensagem predominante é de que o espírito empresarial não precisa ser compatível com os valores ecológicos; pelo contrário, os dois reforçam-se mutuamente” (HANNIGAN, 1995, p. 97).
- 4) A que apresenta o meio ambiente como um local de “conflitos rancorosos”. Nesses casos, normalmente os protestantes são implicitamente culpados pela perturbação do comércio normal e apresentados como “hippies e *ecoteurs* violentos, armados e prontos para fazer disparates” (HANNIGAN, 1995, p. 98).
- 5) A que situa o meio ambiente no âmbito de uma narrativa “apocalíptica”, empregando uma série de metáforas médicas, como, por exemplo, a de que o planeta estaria doente, podendo chegar a sua fase terminal.
- 6) A que relata que o meio ambiente é “escrutinado através das lentes das tomadas de decisão institucionais”, apresentado como mais uma área da política, comparado aos cuidados com a saúde, a educação e os serviços sociais.

De maneira mais ampla, é possível focar os meios de comunicação sob duas perspectivas antagônicas, porém, complementares. As críticas do autor evidenciam as limitações da cobertura midiática na questão ambiental, ao mesmo tempo que admitem a importância que esta possui no processo. Os meios de comunicação e as exigências ambientais ligam-se por meio da criação de uma imagem de crescimento ou decadência de um problema particular (DOWNS, 1972, citado por HANNIGAN, 1995, p. 94). Contudo, são poucas as exigências ambientais que ganham visibilidade, sendo possível identificar cinco fatores que contribuem para que isso aconteça:

- 1) O problema deve ser lançado em termos que “ressoam” nos conceitos culturais e de amplo uso. “[...] Faz mais sentido situar as mensagens ambientais em imagens que têm reconhecimento mais amplo e o apoio da população alvo: saúde e segurança, incompetência burocrática, boa cidadania, etc.” (KUNST; WITLOX, 1993, p. 4, citados por HANNIGAN, 1995, p. 94).
- 2) O problema deve ser articulado com agendas por intermédio de apoio político e da ciência; em outras palavras, o problema precisa receber legitimidade.

- 3) Os problemas que representam o “drama social” (com qualidade de “conto de fadas”, com heróis, vilões e vítimas prontamente identificáveis) têm mais capacidade de captar a atenção dos meios de comunicação.
- 4) O problema ambiental deve ser capaz de se relacionar com o presente, em vez de com um futuro distante.
- 5) O problema deve ter uma “agenda de ação” – seja em âmbito internacional (convenções globais, tratados, programas, etc.), seja em âmbito da comunidade local (plantação de árvores, reciclagem, etc.).

Para finalizar, ao término do capítulo “Os meios de comunicação social e a comunicação ambiental”, Hannigan condensa suas críticas referindo-se à falta de profundidade na cobertura dos meios de comunicação, sugerindo que jornalistas deixem de ver o ambientalismo como um fenômeno transitório, que perde sua notoriedade quando deixa de ser “[...] registrado fortemente nos inquéritos públicos e agendas governamentais” (HANNIGAN, 1995, p. 100). Acrescenta ainda a necessidade da separação das questões ambientais de outras áreas técnicas, como política, negócios, agricultura, ciência, tecnologia, etc., e requer que se encontre uma forma de combinar o jornalismo de “denúncia de casos de corrupção” ou jornalismo de exposição com os objetivos em longo prazo da educação ambiental e da reforma da política. Expostas as ideias do autor acerca dos meios de comunicação, acredita-se ser possível avançar para a descrição do estudo de caso, em que, conforme dito, é apresentada uma exigência ambiental vitoriosa, portanto, já consolidada na arena política e em processo de implantação institucional.

ESTUDO DE CASO: A TRANSIÇÃO EMPREENDIDA PELA EMBRAPA RUMO À AGROECOLOGIA

A instituição

A Embrapa é uma instituição vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e está sob a coordenação do Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA), instituído em 1992 e constituído (além

da Embrapa) por Unidades Estaduais de Pesquisa Agropecuária⁹ (Oepas), universidades, institutos de pesquisa e organizações públicas ou privadas vinculadas à atividade de pesquisa agropecuária. Segundo Crestana (MARCO..., 2006, p. 13), a Embrapa é “[...] referência mundial em pesquisa agropecuária tropical, viabilizando tecnologias, produtos e serviços cada vez mais adaptados à múltipla realidade brasileira e que tendem a ser também demandados por países que exibem potencial de adoção, particularmente, na América Latina e África” (MARCO..., 2006, p. 12).

A Embrapa começou a funcionar em 26 de abril de 1973, contando atualmente com 9.248 empregados, sendo 2.215 pesquisadores¹⁰. Sua “missão” é “[...] viabilizar soluções de pesquisa, desenvolvimento e inovação para a sustentabilidade da agricultura, em benefício da sociedade brasileira” (EMBRAPA, 2011). A instituição é estruturada em 14 Unidades Administrativas, ou Unidades Centrais, todas elas localizadas no edifício-sede em Brasília, e 41 Unidades de Pesquisa, ou Unidades Descentralizadas, espalhadas pelo território nacional e divididas em: unidades de serviço, unidades de pesquisa de produtos, unidades de pesquisa de temas básicos e unidades de pesquisa agroflorestal ou agropecuária nas ecorregiões brasileiras.

Noção de agroecologia

A noção de agroecologia assumida pela instituição está presente no *Marco referencial em agroecologia*, um documento de 70 páginas, publicado em 2006. Segundo o documento, a discussão não visa obter uma definição fechada; ao contrário, busca apresentar algumas aproximações que o debate e a

⁹ São 16 as Organizações Estaduais de Pesquisa Agropecuária atuantes no País: a Agência Goiana de Desenvolvimento Rural e Fundiário (Agência Rural), a Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer), o Instituto de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (Idaterra) e a Fundação Universidade do Tocantins (Unitins), localizados na região Centro-Oeste; a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA), a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro), a Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S. A. (Emepa), a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Rio Grande do Norte S/A, (Emparn) e o Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), localizados na região Nordeste; e a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), a Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), localizados na região Sul.

¹⁰ O quantitativo atual refere-se ao ano de 2010; informação do Departamento de Gestão de Pessoas (Embrapa/DGP).

literatura especializada vêm sinalizando nas últimas três décadas (MARCO..., 2006, p. 22). De maneira geral, parte-se da ideia de que agroecologia surge em resposta às “[...] situações objetivas e interesses convergentes hoje na sociedade [...]” e, mais do que isso, que demarca “[...] um novo foco de necessidades humanas, qual seja, o de orientar a agricultura à sustentabilidade, no seu sentido multidimensional” (MARCO..., 2006, p. 22). Mais do que se referir à agricultura, a agroecologia abrange aspectos da sustentabilidade: econômica – potencial de renda e trabalho, além de acesso ao mercado; ecológica – qualidade de recursos naturais e de relação ecológica de cada ecossistema; social – com inclusão das populações mais pobres e segurança alimentar; cultural – com respeito às culturas tradicionais; política – organização para participação nas decisões; e ética – valores morais transcendentais.

Para uma melhor compreensão, promove-se a diferenciação entre “agroecologia” e “agriculturas ecológicas¹¹”. Agroecologia surge como um “conjunto de princípios” e as Agriculturas Ecológicas, como as “manifestações concretas” deste, mediante formas de manejo específicas, como a Agricultura Orgânica, Biológica, Biodinâmica e a Permacultura, entre outras. Portanto, a agroecologia aparece como um referencial teórico, servindo de orientação geral para as diversas experiências de Agricultura Ecológica, embora nem todas apliquem plenamente os princípios da agroecologia (MARCO..., 2006, p. 23).

Conforme o *Marco referencial em agroecologia* sugere, a agroecologia tem sua demarcação inicial na necessidade de integrar a ecologia aos sistemas de produção agropecuários, diferenciando-se da agricultura convencional, e tendo algumas ideias como centrais. A primeira delas é a noção do “local”. O local é o que dá sentido à agroecologia, pois é a realidade socioeconômica ecológica local que define a melhor forma de aplicação da teoria, exigindo ajustes a cada situação (MARCO..., 2006, p. 24). A manifestação local constrói novas referências, que servem de inspiração a novas experiências, mostrando o seu caráter dinâmico. A segunda ideia é de um campo de conhecimento “transdisciplinar”. A agroecologia, como uma formulação relativamente recente, busca relativizar ou eliminar uma série de elementos consagrados e propor métodos inovadores e “estratégias de recontextualização entre conhecimentos acumulados ao longo do tempo e a geração de novos conhecimentos” (MARCO..., 2006, p. 25). Esse processo se dá por meio da contribuição

¹¹ Propositadamente, a expressão “agricultura ecológica” encontra-se no plural a fim de considerar a diversidade existente no conceito de agroecologia.

das Ciências Naturais e Humanas, procurando incorporar os conhecimentos de forma mais integrada e abrangente do que as disciplinas isoladas. A última ideia que fundamenta a noção de agroecologia é o “conhecimento popular e tradicional” como fonte de informação para modelos que possam ter validade nas condições atuais.

De maneira geral, buscando formular um conceito de agroecologia com base no “Marco Inicial” (MARCO..., 2006, p. 24-26), tem-se:

- A agroecologia tem sua demarcação inicial na afirmação da necessidade de integrar a ecologia aos sistemas de produção agropecuários, diferenciando-se, a princípio, das práticas de agricultura convencional.
- A agroecologia é um referencial teórico, que ganha caráter concreto quando aplicado às realidades locais.
- As experiências locais podem validar os princípios, ponderando cada um deles e enriquecendo a própria concepção teórica da agroecologia.
- A agroecologia, por meio das inúmeras experiências que vem inspirando, tem contribuído para a construção de um banco de referências com potencial para inspirar o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis nas mais variadas condições.
- A agroecologia é considerada como ciência emergente, orientada por uma nova base epistemológica e metodológica.
- A agroecologia é considerada como campo de conhecimento transdisciplinar, que recebe as influências das ciências sociais, agrárias e naturais, em especial da Ecologia Aplicada.
- A agroecologia tem base na relação sinérgica entre a evolução do conhecimento científico e do saber popular e sua necessária integração.

Por fim, o documento apresenta uma abordagem técnica da agroecologia. Fazendo uso dos termos de Altieri (2001, citado por MARCO..., 1995, p. 26), a agroecologia envolve: a) conservação e regeneração dos recursos naturais – como solo, água, recursos genéticos, fauna e flora; b) manejo dos recursos produtivos – diversificação, reciclagem dos nutrientes e da matéria orgânica e regulação biótica; c) implementação de recursos técnicos – defini-

ção de técnicas ecológicas, escala de trabalho, integração dos elementos do sistema em foco e adequação à racionalidade dos agricultores.

Principais desafios

A transição agroecológica buscada pela Embrapa traz consigo uma série de novos desafios. Alguns deles estão expostos no *Marco referencial em agroecologia* (2006), embora, para compreendê-los, acredita-se ser necessário apresentar as etapas de transição que ocorrem dentro e fora do sistema de produção, de maneira gradual, variando de quão distante o sistema se encontra da sustentabilidade. Baseando-se em Gliessman¹², são apresentados três passos de transição interna ao sistema produtivo e um passo externo¹³. Os internos são:

- Redução e racionalização do uso de insumos.
- Substituição de insumos químicos por outros de origem biológica.
- Manejo da biodiversidade e redesenho dos sistemas produtivos.

Apesar de as mudanças técnicas e tecnológicas serem de grande valia, a transição completa-se quando condições externas à unidade de produção também são estabelecidas, construídas pela sociedade e pelo Estado. Exemplo disso é a consciência pública, a organização dos mercados, mudanças institucionais de pesquisa, ensino e extensão, formulação de políticas públicas com enfoque agroecológico, avanços na legislação ambiental, etc.

Por meio do Marco Inicial é possível sistematizar alguns dos principais eixos de renovação nos métodos e nos enfoques de pesquisa adotados, muitos deles baseados no conceito de agroecologia que foi visto anteriormente. São eles:

- Concepções dos pesquisadores.
- Geração de renda.
- Participação dos agricultores.

¹² Gliessman (2000, citado por MARCO..., 2006).

¹³ Ressalta-se que a ideia de transição não se dá de maneira linear, com um passo seguindo o outro. É importante ressaltar também que nem todos os passos descritos devem ser obrigatoriamente cumpridos, havendo diferentes níveis de sustentabilidade, variando de caso para caso.

- Critérios na avaliação de desempenho das pesquisas e Unidades.
- Procedimentos de financiamento.

Segundo o *Marco referencial em agroecologia* (2006, p. 16), nos paradigmas científicos há resistência à inovação, e operam tanto na instituição como em seus pesquisadores. Diante disso, é necessário renovar a concepção dos pesquisadores para renovar a concepção da instituição e vice-versa. Essa mudança perpassa pela articulação de especialistas de diversos ramos de conhecimento, possibilitando a elaboração de projetos de pesquisa multi, inter e transdisciplinares. Ainda segundo o documento, uma das novidades da agroecologia é o estudo do agroecossistema – “[...] no desenvolvimento de sistemas que potencializem os fluxos e ciclos naturais para que eles interatuem em favor do desempenho produtivo de cultivos e criações” (MARCO..., 2006, p. 17). O agroecossistema pode ser compreendido como um sistema socioeconômico, em que interagem subsistemas de produção de bens e serviços voltados para o mercado e consumo da família. Aí reside o segundo aspecto, segundo o qual o desafio está em avaliar a eficiência econômica na dupla função – na geração de renda não monetária consumida diretamente pela família e nos vínculos com o mercado, na troca de produtos por moeda corrente (MARCO..., 2006, p. 18).

Conforme visto no conceito de agroecologia, o envolvimento dos agricultores e agricultoras na pesquisa é de suma importância para seu avanço, dada sua capacidade de inovar em suas práticas de manejo e sua eficiência em disseminar conhecimentos em suas redes locais. Portanto, a integração entre agroecologia e as dinâmicas sociais promove também a articulação entre a atividade científica e o desenvolvimento local (MARCO..., 2006, p. 18-19). Os dois últimos desafios estão inseridos em um contexto mais institucional, com relação aos critérios adotados nos sistemas de avaliação de desempenho de pesquisadores e Unidades, e aos procedimentos de financiamento. No primeiro, parte-se da premissa que sistemas de conhecimento complexos exigem “processos avaliativos flexíveis e criativos que não percam o rigor e a transparência” (MARCO..., 2006, p. 19). O foco na agroecologia deixa de ser o desenvolvimento de tecnologias passíveis de patenteamento e prontas para servirem de “modelo”, o que modifica totalmente os critérios utilizados até o momento. O mesmo pode ser dito acerca dos procedimentos de financiamento, que deverão ser transformados para que os métodos contidos no projeto de agroecologia não sejam “[...] inviabilizados pela rigidez imposta pelas ‘ma-

trizes lógicas' que engessam a ação criativa do cientista" (MARCO..., 2006, p. 19).

COBERTURA DOS SITES DE NOTÍCIAS NA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DA EMBRAPA

Apresentada a ideia de Hannigan acerca da construção das exigências ambientais, bem como o papel central dos meios de comunicação nesse processo e o caso da "transição agroecológica" na Embrapa, parte-se para a análise da cobertura dos sites de notícias. A primeira refere-se às notícias obtidas do site de busca Google Notícias¹⁴, que permite a consulta em 200 fontes atualizadas continuamente; e a segunda, do Portal Embrapa¹⁵, que disponibiliza na rede publicações de todas as suas unidades de pesquisa distribuídas em território nacional, assim como dados de outras fontes que possuem relação com a instituição. No primeiro caso, a pesquisa se deu por meio da opção "pesquisa avançada de notícias", tendo como palavra-chave "Embrapa", somada a outras três – agroecologia, agroecológico e agroecológica – dispostas na opção "qualquer uma das palavras". Ou seja, todas as notícias com a palavra "Embrapa", somada a qualquer dos outros termos em seu corpo ou título, foram selecionadas. O resultado apontou para 452 notícias, das quais, num primeiro momento, mais de 150 foram lidas na íntegra e organizadas em um banco de dados. No caso do Portal Embrapa, a pesquisa se deu na opção "busca avançada" em que é possível, por intermédio da inserção dos termos "OR" (ou) e "AND" (e), executar a procura com combinação de palavras. Assim como anteriormente, a pesquisa teve como palavra-chave "Embrapa", combinada com: "agroecologia" ou (OR) "agroecológico" ou (OR) "agroecológica". O resultado da busca apresentou 163 notícias, todas elas lidas na íntegra e organizadas em um segundo banco de dados. Com o intuito de organizar as notícias, todas elas foram classificadas quanto à "temática" e seu "nível de relevância". No primeiro caso, foram divididas entre:

- Eventos: notícias restritas à divulgação de congressos, palestras e encontros promovidos ou apoiados pela instituição, bem como com a presença de pesquisadores da Embrapa.

¹⁴ <http://news.google.com.br>

¹⁵ <http://www.embrapa.br>

- Projetos: notícias sobre projetos desenvolvidos pela instituição.
- Cursos: conforme o nome indica, com dados relativos a cursos promovidos pela Embrapa.
- Gestão: com informações acerca da estrutura gerencial da instituição.
- Política: com questões de cunho político externo à Embrapa.
- “Outras temáticas”: com conteúdo distinto dos enumerados anteriormente.

Quanto ao “nível de relevância”, foi criada a graduação “baixa”, “média” e “alta”, que corresponde à forma de divulgação da notícia no que concerne ao destaque da temática da “agroecologia” por parte da Embrapa. Dessa forma, as notícias classificadas como de “baixa” relevância apenas mencionam uma ou mais das palavras-chave, e não possibilitam ao leitor compreender a noção de “agroecologia” proposta pela instituição, nem vislumbrar o processo de transição proposto no *Marco referencial em agroecologia*. Em contrapartida, as notícias classificadas como de “média” relevância atendem minimamente a um dos requisitos, mesmo que condicionado a uma única oração ou a poucas palavras. Por fim, as notícias classificadas como de “alta” relevância oferecem ao leitor a compreensão da noção de agroecologia “defendida” pela instituição e/ou permitem a ele vislumbrar o processo de transição empreendido pela instituição em uma perspectiva mais ampla, envolvendo as diversas Unidades de pesquisa espalhadas por todo o território nacional. Antes de avançar, vale reforçar que a análise proposta no artigo não recai sobre a importância do conteúdo das notícias – se ele é referente a eventos, projetos, cursos, etc. – mas sobre a forma como esse conteúdo foi apresentado nos sites de notícias.

Temática das notícias

Com a leitura e a organização das mais de 300 notícias nos dois bancos de dados, foi possível observar uma grande incidência de notícias classificadas no campo “temática” como “eventos”. A Figura 1, a seguir, resume os resultados obtidos.

De maneira geral, as notícias de eventos possuem conteúdo e estrutura muito semelhantes, assumindo um caráter de divulgação, sobretudo dos locais

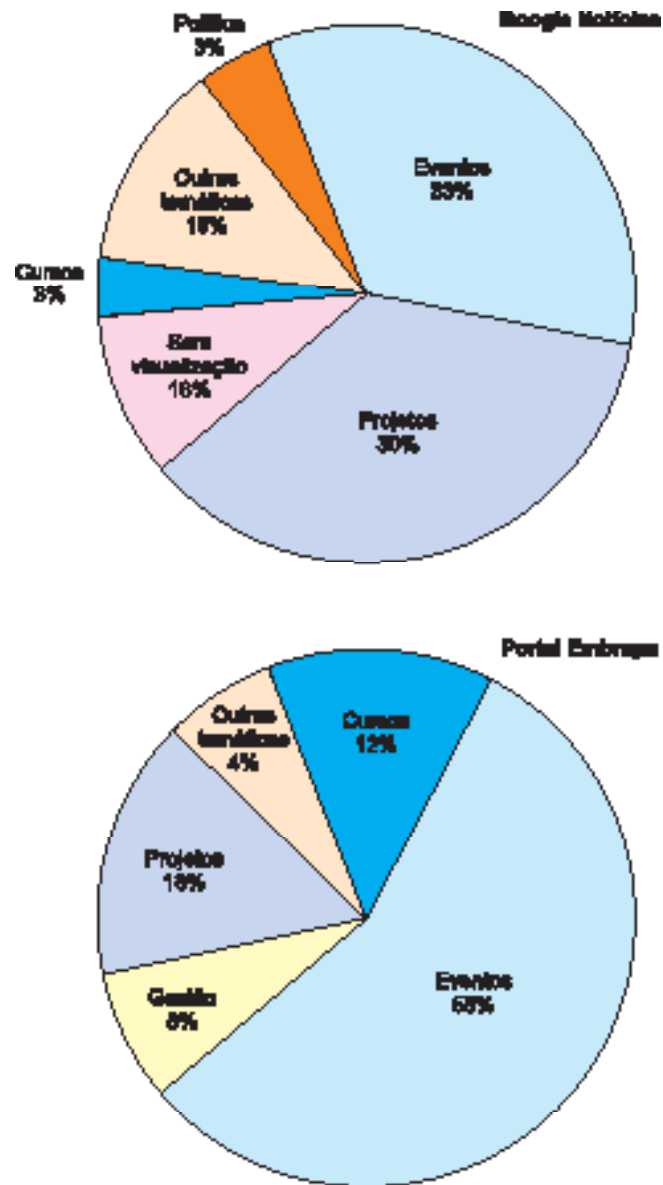


Figura 1. Temática das notícias.

Fonte: dados da pesquisa.

de realização, datas de inscrição, cronogramas, nomes de participantes, etc. Quanto ao Portal Embrapa, as notícias acerca de eventos assemelham-se às do Google Notícias, à exceção apenas de uma particularidade: algumas apresentam, combinadas às informações práticas do evento, outras de cunho mais “teórico”. Isso é possível observar, por exemplo, na notícia datada em 5 de junho de 2007, com o título *Dia Mundial do Meio Ambiente é comemorado na Embrapa* (EMBRAPA, 2007), objetivando a divulgação do evento VIII Semana do Meio Ambiente e XI Eco Dourados, realizado no Município de Dourados, MS. Nessa notícia, em meio às informações comuns de eventos e de cursos disponíveis, acrescenta-se que um dos cursos ministrados apresenta “[...] uma nova abordagem da agricultura que integra aspectos agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos na avaliação dos efeitos das técnicas agrícolas sobre a produção de alimentos e na sociedade como um todo” (EMBRAPA, 2007). Mais do que isso, afirma-se que a agroecologia “[...] representa um conjunto de técnicas e conceitos que surgiu em meados dos anos 90 e visa à produção de alimentos mais saudáveis e naturais, tendo como princípio básico o uso racional dos recursos naturais” (EMBRAPA, 2007). Essa “combinação” de dados práticos e “teóricos” fez que a incidência de notícias de “relevância média” fosse maior no site da Embrapa, conforme será visto posteriormente.

Outra parcela importante de notícias – 30% no Google e 18% no Portal Embrapa – alude a projetos desenvolvidos pela instituição. Na maioria dos casos, o conteúdo das notícias leva em conta o desenvolvimento de ações em Unidades de Pesquisa específicas, não oferecendo subsídios para o leitor compreender o papel da agroecologia de maneira integrada na instituição. É importante que se diga que as notícias classificadas na temática de “projetos” não são de forma alguma desimportantes; ao contrário, muitas delas trazem informações de pesquisas, projetos e acordos de grande valor para a sociedade. Contudo, nota-se a ausência de informações sobre projetos integrados, que permitiriam ao leitor compreender a agroecologia numa perspectiva ampla, e não apenas conhecendo casos específicos (GOOGLE, 2009; EMBRAPA, 2009).

Nível de relevância

A ausência de notícias que informam acerca do processo de transição da Embrapa está refletida diretamente no “nível de relevância”. A seguir, a Figura 2, resume esse campo.

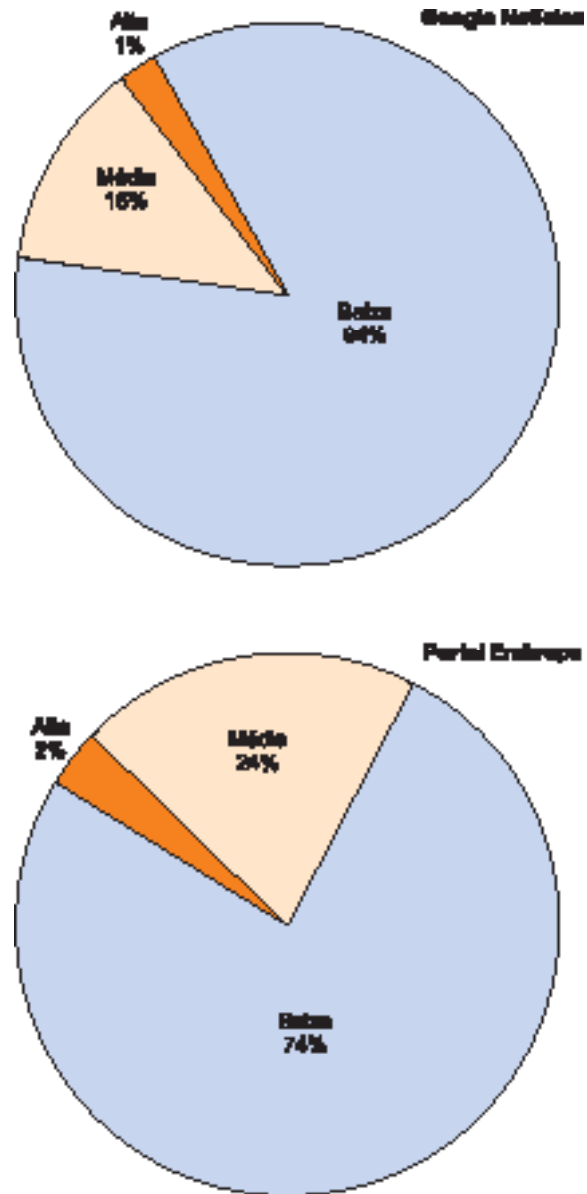


Figura 2. Nível de relevância.

Fonte: dados da pesquisa.

No caso do site de busca Google, 108 notícias (desprezadas as “sem visualização – 14”) possuem “baixa” relevância, enquanto 19 notícias possuem relevância “média” e apenas 2 possuem “alta” relevância. É importante ressaltar que, apesar de classificadas como de “alta relevância”, as informações presentes nas notícias apenas sugerem a existência de um amplo projeto, não oferecendo maiores dados acerca do assunto. No Portal Embrapa – apesar de informações relevantes estarem agregadas às notícias –, 120 delas não apresentaram dados significativos acerca do papel da agroecologia para a instituição, enquanto 40 notícias foram classificadas como de relevância “média”, e apenas três como “alta”.

A seguir, é apresentado um resumo dos dados obtidos, possibilitando obter um panorama da cobertura dos sites de notícias acerca da transição agroecológica na Embrapa. Os resultados foram:

- 145 notícias (46% do total) divulgam eventos, tendo um conteúdo informativo limitado a questões meramente práticas.
- 76 notícias (24% do total) aludem a projetos desenvolvidos pela instituição, ligados à agroecologia, que, de maneira geral, expõem casos particulares, desenvolvidos em Unidades de Pesquisa específicas, que não possibilitam ao leitor compreender a inserção da agroecologia de maneira organizada na Embrapa.
- 71 notícias – 22% do total; cindidas entre cursos, mudanças na gestão interna da instituição e “outras temáticas” – também apresentam informações limitadas, seguindo o padrão da maioria.

CONCLUSÕES

Por meio das buscas realizadas nos sites Google Notícias¹⁶ e Portal Embrapa¹⁷, é possível concluir que a maior parte das notícias organizadas em ambos os bancos de dados refere-se à divulgação de eventos, possuindo um conteúdo informativo bastante restrito. Contudo, deve-se ter em mente que a pesquisa hemerográfica realizada compreende parte de um universo de dados, ou seja, o fato de um conteúdo informativo relevante não ter sido encontrado

¹⁶ <http://news.google.com.br>

¹⁷ <http://www.embrapa.br>

na pesquisa não significa necessariamente que ele não exista, sobretudo no Portal Embrapa, cujas buscas no site envolvem ainda artigos científicos, vídeos, livros, etc. Portanto, poder-se-ia incorrer num erro ao afirmar que o Portal Embrapa não informa seus leitores acerca da “transição agroecológica”, porém, é possível afirmar que a instituição não o faz no que tange às notícias publicadas diariamente, abrindo mão de um canal de comunicação relevante e eficiente.

Outra parte importante das notícias presentes nos bancos de dados refere-se aos “projetos” ligados à agroecologia, desenvolvidos pela instituição. Essas matérias, de maneira geral, expõem casos particulares, desenvolvidos em Unidades de Pesquisa específicas, que, por sua vez, não permitem ao leitor compreender a agroecologia de maneira integrada e organizada na instituição. Esse segundo apontamento pode refletir apenas um problema de desorganização das notícias produzidas nas várias “Unidades de Pesquisa”, ou denotar, de fato, que a instituição não consegue constituir uma rede que integre o projeto, e que a “transição agroecológica” está se dando como uma “colcha de retalhos”, composta por uma série de projetos desenvolvidos isoladamente em diferentes regiões do País.

Vale, por fim, ressaltar um último resultado: em mais de 300 notícias – tanto no Google Notícias como no Portal Embrapa –, um número muito pequeno foi classificado como de “alta relevância”, o que indica uma cobertura frágil e pouco focada da “transição agroecológica” pretendida pela Embrapa. Com base nessa última colocação, somada às demais, surgem dois questionamentos centrais: a) o processo de construção das bases para transformação da Embrapa em uma instituição centrada na “agroecologia” está realmente se dando conforme planejado no *Marco referencial em agroecologia?*; b) o processo de transição se dá, de fato, de maneira lenta e desorganizada, conforme indicam os resultados do artigo?

Conforme é possível observar por meio da pesquisa hemerográfica, surgem algumas respostas; entretanto, surgem novos questionamentos acerca do objeto estudado, abrindo espaço para o desenvolvimento de novas pesquisas, que, por sua vez, tornariam mais densa e ampla a discussão acerca do tema.

REFERÊNCIAS

EMBRAPA. *Dia mundial do Meio Ambiente é comemorado na Embrapa*. 2007.

A cobertura dos sites de notícias no caso da transição agroecológica na Embrapa

Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/2007/junho/1a-semana/noticia.2007-06-05.1307876419/>>. Acesso em 09 de julho de 2011.

EMBRAPA. **Missão e atuação**. Disponível em: <http://www.embrapa.br/a_embrapa/missao_e_atuacao>. Acesso em: 9 de julho de 2011.

EMBRAPA. **Notícias do ano**. 2009. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/2009>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

GOOGLE. **Notícias**. 2009. Disponível em: <<http://news.google.com.br/>>. Acesso em: 12 abr. 2009.

HANNIGAN, J. A. **Sociologia Ambiental**: a formação de uma perspectiva social. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 1995.

MARCO referencial em Agroecologia. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. p. 70

SEIBEL, J. E. **Pesquisa Hemerográfica**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~nipp/pesq-hemero.doc>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

Trabalho recebido em 27 de setembro de 2010 e aceito em 17 de dezembro de 2010.